

O VERBO VER COMO RESPOSTA AFIRMATIVA: UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA

Josiane Santos Moura (UESB)
josianesantosmouraaa@gmail.com
Valéria Viana Sousa (UESB)
valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

RESUMO

O verbo *ver* tem sido registrado no vernáculo do português brasileiro como uma alternativa de advérbio de afirmação em frases como: “– Por favor, faça a arrumação da casa agora no início da manhã! – Viu!”. Diante disso, interessa-nos, nesta pesquisa, verificar de que forma tem sido utilizado esse verbo e a sua frequência de uso nos *corpora* da modalidade oral, no *Corpus* do Português Popular e no *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista, e da modalidade escrita (*Whatsapp*), para daí estabelecermos um padrão de uso para essa construção fundamentadas na Linguística Funcional Centrada no Uso. Com esta investigação, foi possível identificarmos, na fala conquistense, usos que ilustram mudanças semântico-pragmáticas e categoriais do verbo *ver*. Constatamos, então, que *ver* representa diferentes sentidos/funções que vão desde o emprego na sua forma prototípica “enxergar com os olhos” até usos mais gramaticalizados como marcador discursivo e, respectivamente, como resposta afirmativa.

Palavras-chave:

Verbo *ver*. Marcadores Discursivos. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

The verb *ver* has been employed in the vernacular of Brazilian Portuguese as an alternative adverb of affirmation, in sentences such as: “– *Por favor, faça a arrumação da casa agora no início da manhã! – Viu!*”. Thus, in this research, we are interested in verifying how this verb *ver* used and its frequency of use in the *Corpora* of the oral modality, in the *Corpus* of Popular Portuguese and in the *Corpus* of Portuguese Culto de Vitória da Conquista, and in the written modality (*Whatsapp*), so that we can establish a pattern of use for this construction, based on Linguística Funcional Centrada no Uso. Therefore, it was possible to identify, in the conquistense popular speech, usages which illustrate semantic and pragmatic changes and categories of the verb *ver*. We found, as a result, that in this context, *ver* represents different meanings/functions, which go from the use in its prototypical “to see with the eyes”, to grammaticalized uses as discourse markers and, respectively, as an affirmative reply.

Keywords:

Verb *ver*. Discourse Markers. Linguística Funcional Centrada no Uso.

1. Introdução

As línguas sempre serão passíveis de variações, uma vez que, a

rigor, os usuários nas suas interações verbais, têm necessidades de adequar-se. Movimento perceptível, sobretudo, no decorrer das mudanças de comportamento da sociedade. Esse fato acontece porque a sociedade não permanece estática e, para acompanhar essas mudanças, a língua acaba sendo transformada, de maneira espontânea, natural e gradual dentro do que o sistema linguístico permite.

No português, tanto quanto em outras línguas, constata-se que os seus falantes utilizam, entre outros elementos linguísticos, de variados tipos de verbos ao se referirem aos cinco sentidos. Dependendo em que contexto esses verbos estejam sendo inseridos, tendem a sofrer modificações, como, por exemplo: I) o sentido visão (*ver, enxergar, olhar*); ii) audição (*ouvir, escutar*); iii) tato (*tocar, tatear*); iv) paladar (*saborear, experimentar, desgastar*) e v) olfato (*cheirar, sentir*) (Cf. HENGEVELD; SOUSA; VENDRAME; BRAGA, 2008).

Entre esses verbos que estão relacionados aos sentidos, interessa-nos, na presente pesquisa, o verbo *ver*. No que se refere à etimologia desse verbo, Rost (2002, p. 120) discorre que esse verbo é derivado do Latim “*videre*”, que, em seu sentido originário, era usado para apresentar a ação de “avistar”, de “perceber pela vista”, de “empregar vista”. Assim, podem ser facilmente utilizados em exemplos, como: “– *Eu avistei de longe Maria* > *Eu vi de longe Maria*”. Na derivação do latim para o português moderno, o verbo *ver* passa a ser usado em um sentido mais concreto, tido como “conhecer ou perceber pela visão”, como em: “– *Manoel verificou a quantidade de produto despejado no rio* > *Manoel viu a quantidade de produto despejado no rio*”.

Segundo Rost (2002), além de sua forma prototípica, o verbo *ver*, que, nesse caso, é de percepção visual, apesar de continuar no seu sentido mais concreto, assume, também, traços mais abstratos, no momento em que a forma verbal se apresenta como marcador discursivo. Como pode ser observado no exemplo a seguir:

(01) (O.S) Envio, sim. Vou enviar a última que fiz, ela tá menor.

(A.S.O) Maravilha.

(O.S) Te enviei lá, *viu*? É coisa simples, tu vai ver lá.

(A.S.O) Tomara. Rs. Brigada.³⁵

No excerto (01), podemos constatar que o informante (O.S), ao

³⁵ [Exemplo retirado do *Corpus* organizado pela orientanda].

perguntar sobre o envio de um trabalho por *e-mail*, utiliza o verbo *ver* como marcador discursivo no final da sentença, servindo, portanto, para chamar a atenção do interlocutor no sentido de verificar se ele entendeu ou não o que está sendo questionado.

Além da função prototípica do verbo *ver* de percepção visual e da função constatada no exemplo (01), é possível observar que o verbo *ver* na forma do passado indicativo ganha uma função de resposta afirmativa, como, por exemplo, podemos verificar na fala de (A.S.O):

(02)(O.S) Mas se tiver alguma dúvida, tu me fala? que se eu souber, te ajudo.

(03)(A.S.O) *Viuuu!* Com certeza te gritarei.³⁶

No excerto (02), observamos que o informante (A.S.O), ao responder o informante (O. S), utiliza o verbo *ver*, como resposta afirmativa.

Diferentemente do que prescrevem as Gramáticas Tradicionais, como, por exemplo, em Celso Cunha; Lindley Cintra, na *Nova gramática no português contemporâneo*, compêndio no qual classificam os advérbios de afirmação como: sim, certamente, efetivamente, realmente etc. *Ver* tem sido registrado, no vernáculo do português brasileiro, como uma alternativa de advérbio de afirmação, conforme vimos no excerto (02), no qual o informante responde empregando o uso do marcador discursivo *viu*. Inferimos que esse fenômeno ocorre uma vez que os falantes buscam novas construções para aumentar sua capacidade e eficiência comunicativa, ou seja, a partir de uma construção já gramaticalizada, esses falantes passam a usar essa forma já existente na língua para uma nova construção, possivelmente, ainda mais gramatical. Dessa forma, o *ver* passar a exercer, para além das funções que possui – verbo pleno e marcador discursivo, também a função de resposta afirmativa.

2. *Constitucionalidade do verbo ver*

Diante do exposto, notamos, pois, que o verbo *ver* como verbo de percepção visual é utilizado na língua portuguesa de formas distintas pelos falantes, para suprir as suas necessidades comunicativas nas diversas situações de uso em que está exposto. Assim, interessa-nos, nesta pesquisa, verificar de que forma tem sido utilizado esse verbo e a sua frequência de uso nos *corpora* da modalidade oral (*Corpus* do Português Popular

³⁶ [Exemplo retirado do *Corpus* organizado pela orientanda].

e do Português Culto de Vitória da Conquista) e da modalidade escrita (*Whatsapp*), para daí estabelecermos um padrão para essa construção, fundamentados na Linguística Funcional Centrada no Uso.

Para Croft (2001), uma construção advém do pareamento de forma e significado, em que a forma é concebida a partir dos elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos; e o significado, por sua vez, é constituído por meio dos componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Para o autor, há uma ligação simbólica entre forma e significado, que gera, conseqüentemente, mudanças em um ou nos dois elementos. Dessa forma, em suma, podemos compreender que as construções são unidades simbólicas concebidas pela união de forma e significado, que têm uma representação cognitiva.

Assim Croft (2001), em conformidade com a concepção esquemática proposta na Gramática de Construções Radical (GCR), apresenta o modelo de representação da estrutura simbólica de uma construção. O linguista argumenta, ainda, que as construções são padrões que constituem um inventário estruturado em cada língua, em uma rede taxonômica, isto é, as construções são conceituadas como nós que compõem essa rede.

A partir do modelo de base construcionista cunhado em 2013, por Traugott e Trousdale, sobre estudos da mudança linguística na perspectiva diacrônica, estudiosos brasileiros, como, por exemplo, membros do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, bem como do Grupo de Pesquisas Conectivos e Conexão de Orações, têm feito uso do modelo, o qual mostra-se, até então, de acordo as palavras de Rosário e Lopes (2019, p. 98) “(...) bastante profícuo em nossas análises”. Os autores Rosário e Lopes (2019), portanto, evidenciam a necessidade de haver um modelo de análise de mudança linguística em uma visão construcionista que abarcasse dados sincrônicos e, assim, esses linguistas propõem um novo conceito, intitulado de construcionalidade, que passa a figurar, na mudança linguística, ao lado da mudança construcional e da construcionalização.

Em síntese, para Rosário e Lopes (2019, p. 98), citando (DIEWALD, 2002) “(...) a construcionalização é vista como o resultado de micropassos de mudança diacrônica, via neanálise e/ou analogização, que podem ser atestados pelos estudos de contextos de mudança”. No entanto, a construcionalidade pode ser considerada como uma ligação sincrônica constituída entre construções, ou seja, depende dos seguintes fatores: “(...) (i) construção menos esquemática pode ser associada verti-

calmente a uma ou mais construções duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma de natureza mais esquemática” (ROSÁRIO; MONCLAR, 2019, p. 98). Além disso, a construcionalidade tem em comum os mesmos fatores (composicionalidade, esquematicidade e produtividade), da construcionalização, os quais são fundamentais para o estudo científico.

Realizada essa breve apresentação da teoria que utilizaremos como aporte teórico, afirmamos que este trabalho se justifica por buscar desenvolver análises da língua em uso no vernáculo conquistense, contribuindo, assim, para a descrição linguística a respeito de verbo e, em especial, do verbo *ver*. E, para além disso, percebendo, na condição de licencianda em Letras Vernáculas, que as escolas, a rigor, preconizam o ensino de Língua Portuguesa, abordando os conteúdos gramaticais sustentados pelas prescrições gramaticais sem, contudo, observar a língua em uso, o que, de certa forma, parece ser uma análise artificial da língua, propomos uma pesquisa fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), na qual possamos, quiçá, contribuir com a melhoria do ensino-aprendizagem voltado para a língua em uso. Uma vez que o educador pode atuar como orientador do processo de construção e reconstrução do saber gramatical desses estudantes, provendo, a partir de situações reais de uso, a experientiação desses alunos com a língua em sua multiplicidade.

Com isso, criam-se possibilidades de ampliar o conhecimento linguístico, permitindo que os alunos compreendam que podem adequá-lo a diversas situações de uso, sejam elas oral ou escrita. Vemos, por conseguinte, que tudo isso tem grande relevância social e acadêmica, haja vista que esta pesquisa possibilitará aos educadores, assim como aos estudiosos da área, estarem em constante análise e reflexão sobre sua ação docente, pois, em um processo de ensino-aprendizagem de língua materna em uma perspectiva que considera a gramática emergente e dinâmica, a análise das unidades gramaticais deve ser realizada pelos alunos, através, primordialmente, de suas múltiplas faces.

Motivados pelo que expomos, para a elaboração desta pesquisa, partimos da seguinte questão-problema: como se dá a abordagem construcional da forma verbal *ver*? E, por conseguinte, o verbo *ver* vincula outros sentidos além do sentido “conhecer e perceber pela visão” nos *corpora* em análise? Se, sim, o verbo *ver* na função de resposta afirmativa é produtivo?

A partir da questão problema maior levantada nesta pesquisa, hi-

potetizamos que: a abordagem construcional da forma verbal *ver* acontece por meio dos três domínios: verbo pleno, marcador discursivo e resposta afirmativa. Acreditamos, como segunda hipótese, que: o verbo *ver* passa por um processo de mudança semântica, na qual o seu sentido é ampliado para além da função primeira de “conhecer ou perceber pela visão”; e, assim, a forma *viu*, como recorte da língua portuguesa em uso, tem sido usada como resposta afirmativa. Além disso, acreditamos que o verbo *ver* como resposta afirmativa possui uma grande produtividade na língua portuguesa, quanto utilizada no passado simples.

3. O verbo *ver* na Tradição Gramatical

Partirmos para a Tradição Gramatical, após um primeiro olhar na etimologia do verbo, e, com esse propósito, optamos por verificar como o verbo *ver* está prescrito nos compêndios: *Gramática normativa da língua portuguesa*, *Moderna gramática portuguesa*, *Nova gramática do português contemporâneo*. No primeiro compêndio da gramática tradicional analisado, *Gramática normativa da língua portuguesa*, de autoria de Rocha Lima (2011), nada foi encontrado referente ao marcador discursivo *viu*. Em contrapartida, referente ao verbo *ver*, encontramos menção como verbo irregular na segunda conjugação, como podemos observar:

Ver

Presente do indicativo: veio, vês, vê, vemos, vedes, veem.

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito mais-que-perfeito: vira, víras, vira, víramos, víreis, viram.

Imperativo afirmativo: vê tu, veja você, vede vós, vejam vocês.

Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro: vir, vires, vir, vírmos, vírdes, virem.

Particípio: visto.

Por ele se conjugam os derivados: antever, entrever, prever e rever. (ROCHA LIMA, 2011, p.225)

Além disso, Rocha Lima (2011) classifica o verbo *ver* também como de um único particípio irregular, evidenciando que: “(...) Estes verbos (e os respectivos derivados) não conheceram nunca particípio em *-ido*. (...)” (ROCHA LIMA, 2011, p. 225). Assim, o gramático apresenta os seguintes paradigmas:

abrir – aberto fazer –feito

cobrir – coberto pôr – posto

dizer – dito ver – visto

escrever – escrito vir – *vindo* (ROCHA LIMA, 2011, p. 216-7) (grifo nosso)

Localizamos na *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha; Cintra (2017) referências em relação ao verbo *ver* que é classificado por como sendo: “(...) irregular no presente e no pretérito perfeito do indicativo, nas formas deles derivadas, assim como no particípio, que é visto. (...)” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 450-1). A respeito dos verbos irregulares, os gramáticos afirmam que são inumeráveis e apresentam sobre o verbo em análise os seguintes dados:

Tabela 01.

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
veem	viram	viram

Fonte: Cunha e Cintra (2017, p. 450-1).

Já na *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (2009), encontramos menção ao *ver* na Conjugação dos verbos irregulares, como:

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.

Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.

Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejaís, vejam.

Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Part.: visto.

Apresentado o verbo *ver*, Bechara (2009, p. 232-3) acrescenta que “(...) Assim se conjugam antever, entrever, prever e rever. Prover e des-

prover modelam-se por ver, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente. (...)” (BECHARA, 2009, p. 232-3).

Em Bechara (2009), achamos menção ao verbo *ver* nas conjugações dos verbos irregulares, em que o *viu* é classificado no Pretérito Perfeito Indicativo. Da mesma forma, encontramos em Rocha Lima (2011), referência ao verbo *ver* classificado como verbo irregular de segunda conjugação.

Com relação aos advérbios com valor de afirmativos, apenas em Cunha e Cintra (2017) encontramos, como exemplos, as formas: *sim, certamente, efetivamente, realmente*. Com a pesquisa, no entanto, não foi possível constatar que o verbo *ver* tem sido utilizado com essa função.

Em síntese, podemos afirmar que, nas buscas empreendidas nos compêndios gramaticais, encontramos referência ao verbo *ver* em Bechara (2009) e em Rocha Lima (2011), no quais há uma abordagem sobre a conjugação do verbo. Contudo, com relação aos advérbios de afirmação, apenas constatamos em Cunha e Cintra (2017), a presença de uma lista de advérbios, entretanto não encontramos referência alguma ao verbo *ver* com esse propósito, como era de se esperar por ser um termo contemporâneo da língua em uso

3.1. Verbo *ver* na Tradição Linguística

Já nas abordagens linguísticas, encontramos, em Neves (1999) – *Gramática do Português Falado*, uma menção ao *viu*, sendo considerado um marcador, que é classificado por Wolfgang Settekorn (1977), como “(...) ‘busca de aprovação discursiva’ (BAD)”. Neves (1999, p. 229) discorre que “(...) o próprio criador dessa expressão (...) considera que a BAD exerce uma força ilocutória de natureza argumentativa, na medida que ‘frisamos proposição asseverada’”. Nessa abordagem, a linguista apresenta a seguinte descrição e interpretação para explicar o uso:

- 1) o falante afirma uma proposição (asserção);
- 2) o falante indica que asserção é considerada como exata/indiscutível/conhecida/certa (caracterização posição exigência de verdade);
- 3) o falante indica que ele leva em conta a caracterização da exigência de validade (caracterização da posição do falante em face da proposição);
- 4) o falante indica que ele parte do fato de que o ouvinte está disposto a aprovar a afirmação e sua própria posição em face da proposição (ca-

racterização do ato de esperar da parte do ouvinte). (NEVES, 1999, p. 229)

Procuramos, também, em Perini (2005) – *Gramática Descritiva do Português*, no entanto, não localizamos nada a respeito do verbo *ver*, tampouco do marcador discursivo *viu*.

Em suma, após percorrermos a Tradição Linguística, constatamos que, somente em Neves (1999), é mencionado o *viu*. No entanto, ressaltamos que o verbo em análise é classificado como marcador discursivo.

4. Metodologia

Os dados da nossa pesquisa foram obtidos por meio do *corpus* organizado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo – CNPq, Grupo Janus, entre os anos de 2011 e 2015, que tem como responsável, a Prof^ª Dr^ª Valéria Viana Sousa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Vitória da Conquista.

O *corpus* do presente trabalho é formado por 24 (vinte e quatro) entrevistas extraídas do Corpus Português Popular da Comunidade de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e por 24 (vinte e quatro) entrevistas extraídas do *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*), organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – UESB/ CNPq.

Os informantes desses *corpora* foram estratificados segundo as variáveis:

- sexo: masculino e feminino
- faixa etária: FE I: 15 a 25 anos; FE II: 26 a 50 anos; FE III: mais de 50 anos
- grau de escolaridade: português popular (sem escolaridade ou com até cinco anos de escolarização) português culto (com mais de 11 anos de escolaridade)

Em função dos resultados investigados não terem sido muito produtivos nos *corpora* de modalidade oral com gênero entrevista, constituímos, por meio da rede social *WhatsApp*, um *corpus* da modalidade escrita. Esse *corpus* está composto por 126 (cento e vinte e seis) prints da rede social *WhatsApp*, selecionados de 2021 até novembro de 2021, a partir de constante observação em conversas cotidianas na *WhatsApp*. Encontra-

mos, portanto, ocorrências com o verbo *ver* em sua forma prototípica, como marcador discursivo e, principalmente, como resposta afirmativa. Foram feitos *prints* das construções com o verbo *ver* e, posteriormente foram realizadas as construções foram analisadas e contabilizadas.

Para análise desses *corpora*, adotamos uma metodologia de base quantitativa, uma vez que permite a reflexão dos passos que serão percorridos, assim como auxiliar na análise de modo verificativo, produtivo e eficaz. Portanto, a pesquisa qualitativa ajudará no direcionamento da pesquisa, possibilitando entender, descrever e interpretar os dados. Já a pesquisa quantitativa ajudará com as hipóteses levantadas, tendo como finalidade enumerar e mensurar de maneira objetiva e precisa.

De posse desse material, constituído com ocorrências do verbo *ver* na modalidade oral (*Corpus PPVC* e *Corpus PCVC*) e na modalidade escrita (*Whatsapp*), constatamos os seguintes resultados para as Frequência Token e Frequência Type do verbo.

Tabela 02: Frequência *Type* e Frequência *Token* do verbo *ver* na Modalidade Oral e Modalidade Escrita.

Frequência Type	Frequência Token			
	Modalidade Oral		Modalidade Escrita	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Prototípico	30	33,3	1	1,52
Marcador Discursivo	59	65,6	18	11,98
Resposta Afirmativa	1	1,1	133	87,5

Fonte: Autoria própria.

Obtivemos, neste trabalho, na modalidade oral, 30 (trinta) ocorrências (33,3%) do verbo *ver* em sua forma prototípica, 59 (cinquenta e nove) ocorrências (65,6%) do marcador discursivo *viu* e apenas 01 (uma) ocorrência (1,1%) com função de resposta afirmativa. Enquanto na modalidade escrita, encontramos somente 1 (uma) ocorrência (1,52%) do *ver* em sua forma prototípica, 18 (dezoito) ocorrências (11,98%) como marcador discursivo e 133 (cento e trinta e três) ocorrências (87,5%) como resposta afirmativa. Nessas ocorrências, buscamos relacionar os usos com uma transferência semântica de sentido de *ver com os olhos* para outros sentidos nos quais o verbo *ver* se encaminha para a discursivização, ou seja, a mudança semântica ocorre dentro do discurso, ganhando um valor pragmático.

Apresentada a Metodologia desta pesquisa, passemos à análise de dados.

5. *Análise e discussão dos dados*

O verbo em análise é um verbo originalmente bitransitivo, uma vez que, apesar de atuar, de modo majoritário, como verbo transitivo direto, pois estabelece regência com o objeto direto, sem a presença de preposições, em frases como: “– *Você viu a cara do assaltante?*”. Pode atuar também como verbo intransitivo, no qual atribui o sentido de enxergar e de procurar algo, como por exemplo: “– *Aquele senhor não vê?*”; “– *Os seus livros? Veja ali.*”. Além disso, pode atuar como verbo transitivo indireto, isso porque para estabelecer regência em que é necessário a preposição em e para com o objeto indireto: “– *O que vocês vêm em mim?*”; “– *A professora disse que ia ver uma atividade mais fácil para mim.*”.

Assim, a rigor, é recrutado por meio do padrão Vpv(x). Para além desse padrão prototípico da construção, Sambrana (2017, p. 09) traz a representação: Vpv (x)md, admitindo, também, o verbo *ver*, com a função de marcador discursivo, que pode ou não estar acompanhado de advérbio. A autora levou em consideração o modelo hierárquico estabelecido por Traugott e Trousdale (2013), no qual os autores apresentam alguns fatores relevantes para a compreensão da língua como uma rede de construções e esclarecem a metáfora da língua como uma rede, na qual é frequente nas gramáticas de construções.

Traugott e Trousdale (2013) concebem, então, essa rede como sendo constituída pelo conhecimento individual e coletivo em uma comunidade de fala. Portanto, nós e *links* estão ligados, na rede, por elementos semânticos ou sintáticos e por conhecimentos individuais e partilhados. Consequentemente, a rede é considerada dinâmica, uma vez que novos *links* e nós são estabelecidos constantemente; enquanto os links estão relacionados com a distância entre componentes familiares, com os conjuntos de propriedades, com graus de força e de efetividade de uma construção. Portanto, acreditamos que o para além da representação de Sambrana (2017): Vpv (x)md, em que o verbo *ver* exerce função de marcador discursivo. Em nossos *Corpora*, constatamos mais adiante, ainda, que o verbo *ver* passa a ser recrutado também por construções como: “– *Suely vou liberar... – Viu... aí você me libera por que eu preciso sair...*”, ou seja, exerce função de resposta afirmativa, representado pelo padrão: Vpv.

Utilizamos para a análise dos dados da nossa pesquisa, o *Corpus* do PCVC, Português Culto de Vitória da Conquista, e PPVC, Português Popular de Vitória da Conquista, organizados pelo grupo JANUS/UESB;

e um *Corpus* da modalidade escrita, constituído por nós. Este *corpus* possui uma relevante quantidade de dados e de situações que corroboram com o propósito do artigo: demonstrar que o uso do verbo *ver* como resposta afirmativa.

Tabela 3: Frequência *Type* do *viu* nos *Corpora* PCVC e PPVC.

Frequência <i>Type</i>	Frequência <i>Token</i>	
	Ocor.	%
MD	59/60	98,3
Resposta Afirmativa	01/60	1,7

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4: Frequência *Token* do MD *viu* nos *corpora* PCVC e PPVC.

Perfil Social	Frequência <i>Token</i> <i>Corpus</i> PCVC		Frequência <i>Token</i> <i>Corpus</i> PPVC	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Mulher/FE I	1	6,7	-	-
Mulher/FE II	-	-	20	45,4
Mulher/FE III	5	33,3	7	16
Homem/FE I	4	26,7	4	9,1
Homem/FE II	-	-	8	18,2
Homem/FE III	5	33,3	5	11,3
TOTAL	15/16,9%		44/83,1%	

Fonte: Autoria própria.

Constatamos, a partir da análise das 48 (quarenta e oito) entrevistas que compõem os *Corpora* do PPVC e do PCVC, que o verbo *ver* é utilizado pelos informantes com outras funções além da função/sentido prototípico do verbo. Ao analisarmos a frequência *type* do *viu*, no entanto, observamos que essa construção, nos *corpora* em análise, só possui, entre as 60 (sessenta) ocorrências selecionadas, 1 (uma) ocorrência com a função de resposta afirmativa. Inferimos, a esse respeito, que, por se tratar do gênero entrevista, a realização de resposta afirmativa não é favorecida. Em relação ao perfil social, verificamos como MD, a construção *viu* é realizada em 44 (quarenta e quatro) ocorrências (83,1%) no *Corpus* do PPVC e em 15 (quinze) ocorrências no *Corpus* PCVC, distribuída em todas as faixas etárias com exceção da Faixa Etária II, que equivale a adultos, no *Corpus* do PCVC, considerando homens e mulheres, e na Faixa Etária I do *Corpus* PPVC. Embora o uso tenha sido mais recorrente no *Corpus* do PPVC, podemos afirmar que é uma construção usada no vernáculo conquistense nas faixas etárias I, II e III; nos sexos masculino e feminino e nas escolaridades de até cinco anos e com mais de 11 anos observadas. Destacamos, contudo, um uso mais significativo, no PPVC,

nas mulheres e homens da Faixa Etária II, respectivamente, 45,4% e 18,2%; e, no PCVC, nos homens e mulheres da Faixa Etária III, com 33,3%.

Em compensação, na nossa análise entre os *Corpus* da modalidade oral (*Corpus* do PCVC, Português Culto de Vitória da Conquista, e PPVC, Português Popular de Vitória da Conquista) e *Corpus* da modalidade escrita (rede social *WhatsApp*), como era esperado, o verbo *ver* foi mais utilizado em sua função de resposta afirmativa no *Corpus* da modalidade escrita, ou seja, a frequência *type* mais produtiva, com 133 (cento e trinta e três) ocorrências (87,5%). Em contrapartida na modalidade oral, a frequência *type* mais produtiva foi com a função de marcador discursivo, com 59 (cinquenta e nove) ocorrências (65,6%). Nessa perspectiva, ancorados no aporte teórico sustentado pela Linguística Funcional Centrada no Uso, com base em Traugott e Trousdale (2013), destacamos um fator de construcionalidade, a produtividade. Segundo a concepção dos autores, a produtividade é entendida como gradiente, tendo em vista que se relaciona à competência de elementos de construção de palavras serem utilizados para produzir novas expressões linguísticas. É destacado, também, pelos autores que a produtividade está relacionada à frequência.

Bybee (2013) reforça a distinção entre a frequência *token*, ou seja, o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto; em relação a frequência *type*, entendida como o número de expressões variadas que determinado item contém. Logo, a produtividade de uma construção está relacionada com a repetição de seus usos, visto que, conforme a construção vai sendo usada, maior será a quantidade de instanciações variadas dessa construção, e conseqüentemente, maior sua produtividade.

Assim, entendemos que por se tratar do gênero entrevista, a realização do verbo *ver* resposta afirmativa no *Corpus* da modalidade oral (*Corpus* do PCVC, Português Culto de Vitória da Conquista, e PPVC, Português Popular de Vitória da Conquista) não é favorecida, ou seja, se torna menos produtiva em comparação com o *Corpus* da modalidade escrita (*WhatsApp*), que, nesse caso, satisfaz o uso em interação do tipo conversação espontânea.

Em relação ao verbo *ver* em sua função prototípica, fazendo referência ao sentido de percepção visual, de natureza mais concreta, obtivemos 30 (trinta) ocorrências (33,3%) no *Corpus* da modalidade oral e apenas 1 (uma) ocorrência (1,52%) no *Corpus* da modalidade escrita. Mostraremos a seguir dois exemplos extraídos da amostra:

(3) DOC: Mais tem pai que alega que criança não tem que... as vezes não

tem condição né... de coloca na escola e precisa trabalha pra ajuda em casa... cê acha isso um tipo de exploração... cê acha que hoje os governos... INF: xô li da um exemplo aqui a gente tem um menino que... eu acho assim... a mãe dele trabalhava, por que a mãe dele trabalha na feira ela tem uma barraca na feira ele estuda aqui pela manhã... e a tarde ele via pra feira junto com ele... lá na feira que a gente já viu várias pessoas já viram ele leva todo seu material... (Informante S. S. R. S. do Corpus PCVC)

(4) (O. S) Pedu à professora pra me adicionar no Classroom, por favor, já envie e-mail pra ela.

(C.A) Ela já viu e disse que vai te adicionar!

Como podemos notar, nas duas situações, o verbo *ver* é semanticamente concreto, em que algo é percebido pela visão, ou seja, não é gramaticalizado. Funciona, portanto, como verbo pleno, isto é, como predicador de dois lugares, estabelecendo relação entre dois termos argumentais [um indivíduo e a entidade percebida]. Em termos de complementação, nos dois primeiros exemplos apresentados, tem-se um caso de percepção do indivíduo, categoria semântica representada pelos termos “várias pessoas”, “o e-mail”. Identificamos, como esquema, nível mais alto, encontra-se a construção Vpv.

Quanto ao subesquema, nível intermediário, *ver(x)* constitui um grupo de subesquemas agrupados pela semântica da base verbal *ver* que contribui para além da função de percepção visual, ou seja, o verbo em seu sentido pleno/concreto passa a exercer sentidos mais abstratos, como de marcador discursivo, portanto, o subesquema *ver(x)* sanciona o subesquema *viu*, padrão *ver(ς)*, isto é, o segundo *slot* não pode ser preenchidos. Logo, o verbo *ver* como marcador discursivo tem a função de chamar a atenção do interlocutor no sentido de verificar se ele entendeu ou não o que está sendo questionado ou discutido, sendo considerado de natureza mais abstrata. Desse modo, foram obtidas 59 ocorrências (65,6%) no *Corpus* oral PPVC e PCVC e no *Corpus* da modalidade escrita, encontramos somente 18 (dezoito) ocorrências (11,98%) do verbo *ver* com essa função, listamos como exemplo as duas ocorrências a seguir:

(5) DOC: É verdade. Cê lembra de algum fato que tenha ocorrido quando cê estudava antes naquela época? Alguma história?

INF: Tem muito tempo. É muito tempo, viu?

(Informante M. S.S do *Corpus* PPVC)

(6) (C.A) Ja que a gnt n vai ter fonologia, ele podia subir o horário, né? (C. R.) Vou flr c ele.

VIU, GALERA?

Pra gnt ficar livre 16h.

Peloamordedeus.

Em (5) o entrevistado se justifica sobre a quantidade de tempo em

que havia acontecido algo na época em que estudava e logo após essa afirmativa, o marcador discursivo é usado, assim como em (6), pois, ao passo que o (C.A) sugere pedir ao professor que suba o horário, pois terão aula vaga, questiona aos colegas se concordam, (C.R), por sua vez, concorda e afirma que irá falar com o professor e usa o marcador discursivo. Nos dois casos, o recrutamento do marcador discursivo é empregado como uma estratégia interacional, que permite que o falante direcione a atenção de seu interlocutor para a proposição, com a intenção de que o interlocutor venha a concordar com o que diz o falante, ou seja, para alcançar esse objetivo.

Em relação ao verbo *ver* como resposta afirmativa, nosso objeto de pesquisa, o verbo *ver* passar a exercer um valor ainda mais abstrato. Conseguimos identificar no *Corpus* oral PPVC e PCVC, apenas 1 (uma) ocorrência (1,1%) com essa função, enquanto no *Corpus* da modalidade escrita, obtivemos 133 ocorrências (87,5%) do verbo *ver* como resposta afirmativa, vejamos a seguir dois exemplos:

- (7) DOC: como foi lidar com essa situação?
 INF: Terrível... de muita briga é muita tristeza...
 DOC: Suely vou liberar...
 INF: *Viu*... aí você me libera por que eu preciso saí...
 (Informante S.S. R.S. do Corpus PCVC)
- (8) (V.V.S) No 6, vamos colocar 2 pesquisadoras, pq estamos na fase de transição.
 A bolsa de E. irá para D.
 (M. E) *Viuuu!!!* Beleza

Percebemos que, em (7), ao passo que o entrevistador impõe a liberação da entrevistada, essa, por sua vez, responde afirmativamente empregando o *viu* como resposta, destacando a urgência em terminar a entrevista. Enquanto em (8), (V.V.S), ao afirmar que irá colocar duas pesquisadoras, pois estão na fase de transição, e que a bolsa de E. passará para D., (M.E) responde de forma afirmativa usando o *viu*, nesse caso, (M.E) enfatiza ainda mais a construção ao usar três o (u) e três exclamações. Consideramos, nesta pesquisa, portanto, que a microconstrução *viu* – resposta afirmativa, encontra-se no nível mais baixo de hierarquia, e não sofre alteração no polo da forma, logo, é considerada uma mudança construcional, uma vez que passa por mudança apenas no polo da função/sentindo. Além disso, para todos os fenômenos envolvidos na criação do verbo *ver* como resposta afirmativa, conseguimos especificar em um único *cline* de unidirecionalidade em: verbo pleno, marcador discursivo e, posteriormente, resposta afirmativa.

O marcador discurso *viu* do padrão ver(x) é considerado por Sam-

bana (2017, p. 110), como: “(...) cognitivamente mais leve, estruturalmente direto, apoia confirmação de sentidos na negociação, requisitando aprovação imediata do ouvinte (...)”. Com isso, acreditamos que em decorrência do marcador discursivo atribuir todas essas características supramencionadas, os falantes acostumados com o uso dessa construção cotidianamente, começam a utilizá-lo, agora, como resposta afirmativa, assim como foi verificado por nós no artigo: *A substituição da palavra sim em respostas afirmativas no português brasileiro: um estudo descritivo para aplicabilidade no ensino de PL2E*, desenvolvida por Ana Rosa de Sá Donadio, em 2017, em que há afirmativas com uso de verbos, ou seja, há construções em que se repete o próprio verbo da pergunta para dar a resposta afirmativa, sendo considerada essa a afirmativa mais usada.

6. Considerações finais:

Neste trabalho, a partir de pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada Uso, mais especificamente, da abordagem da construcional da mudança, foi possível identificarmos, na fala popular baiana usos que ilustram mudanças semântico-pragmática e categorial do verbo *ver*. Constatamos, então, que, nesse contexto:

I) O verbo *ver* passa a exercer uma nova função diferente da sua prototípica de “perceber pela vista” (ROST, 2002, p. 120), nos *corpora* da modalidade oral (*Corpus* do Português Popular de Culto de Vitória da Conquista) e da modalidade escrita (*Whatsapp*);

II) O processo de mudança linguística em que o verbo *ver* passa começa com o uso do marcador discursivo *viu*, em que os falantes buscam novas construções para aumentar sua capacidade e eficiência comunicativa, ou seja, a partir de uma construção já gramaticalizada, os falantes passam a usar essa forma para uma construção, possivelmente, ainda mais gramatical e, assim, o *ver* passar a exercer, também, função de resposta afirmativa. Sendo demonstrado através do *cline*: Verbo Pleno, MD, Resposta Afirmativa.

III) O verbo *ver* como resposta afirmativa *-viu-* é mais produtivo no *Corpus* da modalidade oral PCVC, Português Culto de Vitória da Conquista, com 1 (uma) ocorrência (1,1%). Em relação ao perfil social, verificamos como MD, a construção *viu* é realizada em 44 (quarenta e quatro) ocorrências (83,1%) no *Corpus* do PPVC e em 15 (quinze) ocorrências (16,9%) no *Corpus* PCVC, distribuída em todas as faixas etárias com exceção da Faixa Etária II, que equivale a adultos, no *Corpus* do

PCVC, considerando homens e mulheres, e na Faixa Etária I do Corpus PPVC. Embora o uso tenha sido mais recorrente no *Corpus* do PPVC, podemos afirmar que é uma construção usada no vernáculo conquistense nas faixas etárias I, II e III; nos sexos masculino e feminino e nas escolaridades de até cinco anos e com mais de 11 anos observadas. Diferente do *Corpus* da modalidade oral, em que obtivemos apenas 1 (uma) ocorrência (1,1%) do *viu* como resposta afirmativa, no *Corpus* da modalidade escrita (*Whatsapp*), obtivemos 133 ocorrências (87,5%), constatamos, assim, uma alta produtividade do verbo *ver* com essa função/sentindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo, 1928. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver., ampl. E Atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo* [recurso eletrônico]. 7. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

LIMA, Rocha, 1915-1991 L71g. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, Monclar Guimarães; ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Contruicionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica*. Revista Solettras. N. 3., 2019 Disponível em: <https://doi.org/10.12957/solettras.2019.36318>.

NEVES, Maria Helena Moura (Org.). *Gramática do Português Falado*. V. VII, Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: UNICAMP, 1999.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

ROST, C. A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SOUZA, E. R. F.; VENDRAME, Valéria; HENGEVELD, K.; BRAGA, M. L. *Perception Verbs in Brazilian Portuguese*. Probus (Dordrecht), v. prep., p. 130, 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. Grammatical

constructionalization. In: ____; _____. *Constructionalization and Constructional Changes*, 2013.